A mais completa mensagem sobre

VEGETARIANISMO

Ditada pelo espírito de

RAMATÍS

Psicografia de

HERCILIO MAES

O VEGETARIANISMO DE RAMATÍS

Pergunta: — Irmão Ramatís; desejavamos esclarecimentos mais âmplos sôbre a alimentação vegetariana, a qual tem despertado sérias controvérsias. Muitos afirmam que o vegetarianismo é apenas tradição religiosa! Que podeis nos dizer a respeito?

Ramatís: — A preferência pela alimentação vegetariana, no Oriente, baseia-se no conhecimento de que à medida que a alma progride, a lei de correspondência vibratória espiritual, exige, também, que o vestuário de carne se lhe harmonize ao progresso já alcançado. Mesmo nos reinos inferiores, a nutrição varia conforme à delicadeza e a sensibilidade das espécies; enquanto o verme se alimenta no sub-sólo, o beija-flôr, que é poética figura alada, sustenta-se com o néctar das flôres. Os iniciados indús sabem que os despôjos sangrentos da alimentação carnívora fazem recrudescer o atavismo das paixões animais. Embora os princípios superiores da alma devam sempre sobrepujar às injunções da matéria, são raras as criaturas que se libertam da opressão vigorosa das tendências hereditárias da

Pergunta: — Mas a alimentação carnívora, principalmente no Ocidente, já é um hábito profundamente estratificado no psiquismo humano! crêmos que nós estamos organicamente condicionados à ingestão de carne; sentimo-nos debilitados ante a sua mais reduzida falta!

Ramatís: — Já tendes provas irrecusáveis de que podeis viver e gozar ótima saúde sem recorrerdes à alimentação carnívora , visto que, para provar o vosso equívoco, bastaria considerar a existência, em vosso mundo de animais corpulentos e robustos como o elefante, o boi, o camelo, o cavalo e muitos outros, bastante corpulentos e robustos, de um vigôr extraordinário, e que, entretanto, são rigorosamente vegetarianos. Quanto ao condicionamento orgânico, pelo hábito de comerdes carne, deveis compreender que o orgulho, a vaidade, a hipocrisia ou a crueldade, também são estigmas que se forjaram através dos séculos, mas tereis que eliminá-los definitivamente do vosso psiquismo! O fumo e o uso imoderado do alcool também se estraficam na vossa memória etérica; no entanto, nem por isso os justificais como ornamento às vossas almas invigilantes! Reconhecemos que através dos milênios já percorridos no crescimento de nossas consciências individuais, fôstes estigmatizados com o 'vitalismo etérico" da nutrição carnívora. Mas importa reconhecerdes que já ultrapassais os prazos espirituais demarcados para a continuidade suportável dessa alimentação mórbida e cruél! Na técnica evolutiva sideral, o estado "psico-físico" do homem atual exige urgente aprimoramento no gênero de alimentação; deve corresponder, também, às próprias transformações progressistas que já ocorreram na esfera da ciência, da filosofia, da arte, da moral e da religião!

O vosso modo de nutrição é um desvio psíquico, uma perversão do gôsto e do olfato; aproximai-vos consideràvelmente do rude selvagem, nessa atitude de sugar tutano de óssos e de ingerir vísceras na feição de saborosas iguarías. Estamos certos do que a Direção Sideral está empreendendo *todos os seus esfórços*, a fim de que o terrícola se afaste, pouco a pouco, da repugnante preferência zoofágica!

Pergunta: — *Devemos considerarnos em débito perante Deus, devido à nossa alimentação carnívora, quando apenas atendemos aos sagrados imperativos naturais da própria vida?*

Ramatís: — Embora os antropófa-

gos também atendam aos "sagrados imperativos naturais da vida", nem porisso endossais os seus cruêntos festins de carne humana, nem vos regozijais com as suas imundícies à guisa de alimentação e como a nutrição canibalesca vos causa espanto e horror, também a vossa mórbida alimentação de visceras e virtuálhas sangrentas, ao môlho picante, impressiona desfavoràvelmente as humanidades dos mundos superiores! Essas coletividades se arripiam em face das descrições dos vossos matadouros, charqueadas, açougues e frigoríficos enodoados com o sangue do animal e a visão patética de seus cadáveres esquartejados!

Mas a antropofagia dos selvagens é inocente e honestíssima, em relação ao grau exato do seu entendimento espiritual; êles devoram o seu prisioneiro de guerra, na cândida ilusão de herdar-lhe as qualidades intrépidas e o seu vigôr sanguinário! No entanto, os civilizados, para atenderem as mesas lautas e fervilhantes de órgãos animais, supereexcitam-se nos caldos epicurísticos e nos requintes culinários, fazendo da necessidade do sustento uma arte enfermiça de prazer! O selvícola oferece o tacape ao seu prisioneiro, para que se defenda antes de moê-lo de pancadas; depois rompe-lhe as entranhas e devora-o famélico, exclusivamente sob o imperativo de saciar a fome, às pressas, cruamente, distante dos cálculos prazenteiros!

O civilizado exige os retalhos cadavéricos servidos na forma de suculentos cozidos ou assados ao forno lento; alega a necessidade de proteínas, mas atraiçoa-se pelo uso requintado do vinagre, da cebola e da pimenta; desculpa-se pelo condicionamento biológico dos séculos de nutrição carnívora, mas sustenta a lúgubre indústria das vísceras e das glândulas enlatadas, paraninfa a arte dos cardápios fúnebres e promove condecorações para os mestres da culinária animal! Qualquer pretexto entre pobres e ricos, cultos e ignorantes, cientistas ou filósofos, serve para aumentar o massacre organizado e as pitorescas festividades de carne carbonizada!

Os frigoríficos modernos, que exaltam e enaltecem a vossa civilização, repletos de aparelhamentos eletrônicos e de precisão científica, oferecem os mais admiráveis espetáculos de eficiência na mórbida indústria da morte! Notáveis especialistas e afamados nutriólogos estudam o modo de produzir o melhor presunto ou a mais deliciosa salchicha à base de sangue coagulado!

Os capatazes endurecidos na lide, dão o toque amistoso e fazem o convite traiçoeiro para o animal ingressar na fila da morte; magaréfes habilidosos e curtidos no serviço, conservam a sua fama pela rapidez com que esfolam o animal ainda quente nas convulsões da agonia; veterinários competentes, examinam minuciosamente a constituição orgânica da vítima, para que o ilustre civilizado não sofra as consequências patogênicas do assado ou do cozido das vísceras!

Turistas, aprendizes e estudantes, quando visitam os colossais e modernos edificados para a matança em massa, onde os novos sansãos guilhotinam incessantemente o servidor amigo pasmam-se com os extraordinários recursos da ciência moderna; aqui, os guindastes sob genial operação mecânica erguem-se manchados de rubro e despejam sinistras porções de vísceras e rebotalhos palpitantes; ali, aperfeiçoados cutelos, movidos por eficaz aparelhamento elétrico, matam com implacável exatidão matemática; acolá, fervedouros, prensas, esfoladeiras, batedeiras e trituradeiras, executam

fúnebres sinfonias capazes de arripiar os velhos caciques que apenas comiam para matar a fome! Em artísticos canais e regos construidos com os azuleijos da exigência fiscal, jorra, continuamente, o sangue rútilo e generoso do animal sacrificado para a glutonice humana!

Mas o êxito da técnica frigorífica ainda melhor se comprova, de súbito, quando elevadores espaçosos erguem-se, implacaveis, sobrecarregados de suinos e os depositam, docemente, sôbre o limiar de bojudos canos de alumínio, inclinados, na feição de montanha russa. Rápidos, os suinos são empurrados, em fila, pelo interior dos canudos polidos e deslisam velozmente, em grotêscas e divertidas oscilações, para mergulharem, inesperadamente, nos tanques de água fervente, a fim de atender à feliz disposição da técnica moderna, que assim favorece a produção do melhor presunto da moda!

Quantos suinos ainda precisarão deslizar pela tétrica montanha russa do gênio humano, a fim de que possais saborear o delicioso naco de presunto para o lanche do dia?

Pergunta: — Ésses métodos eficientes e de rapidíssima execução na matança animal nos frigoríficos modernos, evitam os prolongados sofrimentos que eram comuns no tipo de córte antigo! Qual é a vossa opinião?

Ramatís: — Opinámos que o senso *estético do espírito* evoluido, sempre há de preferir a cabana pobre e que *abriga o animal*, antes do matadouro de mármore que mata sob a *exigência da indústria* fúnebre! As regiões celestiais são paisagens *tecidas de flôres*, luzes e côres, onde se casam a brisa suave dos pensamen*tos generosos*, *e os* sentimentos amoráveis de sua humanidade cris*tificada!* Essas regiões também serão alcançadas, um dia, mesmo por *aquêles* que constroem os tétricos frigoríficos e os matadouros em moldes modernos de equipo avançado; mas êles não se livrarão do retornarem à Terra muitas vêzes para cumprirem, em si mesmos, o resgate das torturas e das perturbações infringidas ao ciclo evolutivo dos animais! Os mé'todos eficientes da matança científica, mesmo que diminuam o sofrimento do animal, não eximem o homem da destruição antecipada de um conjunto vivo e que também evolui, como é o animal criado pelo Senhor da Vida! Só Deus tem o direito de extingui-lo, excepto quando há perigo para a integridade biológica mais avançada do homem!

Pergunta: — Surpreendem-nos as vossas asserções algo vivas; não conceptuamos, ainda, essa severa impropriedade na alimentação carnívora!

Ramatís: — O anjo completista é o resultado de suprema delicadeza espiritual; a sua diáfana tessitura e o seu cântico inefável aos corações humanos, não são produtos dos fluídos agressivos e enfermiços dos "patés" de figados hipertrofiados, da famigerada "dobradinha ao môlho" ou do repasto albuminico do 'toucinho enfumaçado"! A substância astral que exuda a carne do animal, que é um sêr ainda inferior, penetra nas auras dos sêres humanos e lhes adensa a transparência; subjuga-os às energias agressivas que então tolhem os altos vôos do espírito.

Quê vos adiantaria velarmos sob doce ilusão as nossas considerações "algo vivas", quando sempre tereis que conhecer a realidade do vosso equívoco, nêsse assunto, e, talvez, mais tarde ainda ireis deplorar a demora? Expomo-vos, o que deve ser meditado e avaliado com urgência, porque os tempos são chegados e não há subversão no mecanismo sideral! E' mister que compreendais

com toda brevidade, que o veiculo perispiritual é poderoso ímã, que atrai e agrega as emanações deletérias do mundo inferior, reduzindo a liberdade da alma e situando-a implacavelmente sob condições depressivas! Cumpre-vos pesquizar o que é mais adequado ao vosso conjunto "psico-físico", porque o problema é especificamente particular. E' Jesus quem nos adeverte inteligentemente; "Procurai a Verdade e a Verdade vos Salvará!"

Enquanto os lúgubres veículos manchados de sangue percorrem as vossas ruas citadinas, para despejar o seu conteúdo sangrento nos gélidos açougues e atender às filas irritadas, muitas reencarnações ainda serão precisas para a vossa humanidade, a fim de que se cumpra a terapêutica dêsse deslise psíquico, predominando, então, as cirróses hepáticas, úlceras, nefrites, artritismos, colites tênias, amebas, helmintos e uremía!

Pergunta: — Por quê considerais que o homem se inferioriza ao selvagem, na ingestão da carne, se êle usa de processos mais eficientes e não tem por escôpo a tortura ou a vingança contra o animal? Não concordais que o homem só atende a um imperativo industrial?

Ramatís: — O selvagem é decidido e feroz, mas apenas instinto, serve-se da carne sob a absoluta necessidade de nutrição e sem transformá-la em motivos para outras liberações epicurísticas. Enquanto isso, os velhos apetites do homem primitivo revivem, outra vez, ainda mais exigentes, sob as luzes da moderna eletricidade, nos luxuosos hoteis e restaurantes dos finos ambientes sociais dos civilizados! Criaturas ruidósas, alácres e apregoando genial intelecto, cercam festivas mesas e devoram as gorduras animais regadas pelos corrosivos elegantes, enquanto afinada orquestra mistura punhados de sons aos odôres da carne carbonizada ou do cozido fumegante! As poéticas e sugestivas mentiras expostas nos cardápios fidalgos, não livraram a responsabilidade do homem na teimósa ingestão das visceras do irmão inferior!

Mormente os floreios culinários e a minuta de iguarias "sui-generis", que atenuam o aspecto repugnante das vitualhas animais, essa falsa ilusão não consegue esconder a realidade exata do desregramento humano; aqui, a "dobradinha à moda da casa" apenas disfarça o repulsivo ensopado de estômago de boi; ali, os "miúdos à milaneza" são retalhos de vesículas traindo o sabôr amargo da bilis animal; acolá, "rins no espeto" escondem a lembrança dos órgãos excretores da albumina e da uréia, que se estagnam sob o cutélo mortifero! Embora louvando o esfôrço do mestre culinário, o "mocotó à européia" não passa de viscoso mingau do óleo lubrificante do boi abatido; os "frios à americana" não vão além de vitualha sangrenta e a "feijoada completa" é apenas um nauseante charco de detritos cozidos, em que a sacrificada fôlha de couve sobrenada na imundície do chouriço denegrido, entre pés, orelhas, peliculas e retalhos arrepiantes do pôrco, que se mistura à uréia da banha gordurósa!

E' profundamente desculpável que o bugre ainda incorra em semelhante contradição nutritiva do seu paladar, olfato e estesia psíquica, ante o primitivismo de sua consciência espiritual, mas não se justifica essa ignorância no civilizado que já controla raciocínios admiráveis no campo da ciência, da arte e da religião! Enquanto o banquete pantagruélico de um César romano marca a decadência de uma civilização, a figura de Ghandi sustentado a leite

de cabra é sempre uma esperança para o mundo!

Pergunta: — Porventura deveriamos violar o nosso organismo, que é estruturado milenarmente sob a alimentação da carne? Certos de que a natureza não dá saltos e não faria uma adaptação súbita ao vegetarianismo, consideramos que seria perigosa qualquer mudança repentina! O nosso processo de nutrição carnívora é um **automátismo biológico,** que existe há alguns séculos para qualquer adaptação inesperada! Quais as vossas considerações a êssc respeito?

Ramatís: — Não sugerimos a violência orgânica para aquêles que ainda não suportariam essa modificação drástica; para êsses aconselhamos gradativas adaptações da carne do suino para o boi, do boi para a ave e da ave para o peixe ou mariscos! Após um exercício disciplinado da vontade de um **desejo ardente** de eliminar a ingestão dos despojos sangrentos, temos certeza de que o organismo estará apto para se ajustar ao novo método nutritivo. Mas é claro que tudo está em começar, e, desde que não se faça êsse esfôrço inicial a alimentação mórbida há de predominar escravizando o espírito ao condicionamento biológico do pretérito! Mas é inutil tecêrdes subterfúgios para justificardes a vossa alimentação primitiva e já inadequada à nova índole espiritual; há que vos movimentardes mentalmente para que vos prepareis para um novo padrão nutritivo. Essa troca não deve ser na feição de uma simples substituição de combustível próprio de um veículo mecânico; a vossa alma necessita participar do exercício e principalmente **modificar o desejo de carne!**

Entretanto, muitas almas decididas, senhoras do seu comando mental sôbre o corpo físico, já no limiar da consciência espiritual, têm rompido êsse automatismo biológico que alegais, eliminando a carne de sua nutrição, do mesmo modo como outros extinguem o vício de fumar sob um só impulso de vontade!... Também estais condicionados ao vício da intriga, da raiva, da cólera, ciume, crueldade, mentira e luxúria; no entanto, muitos de vós efetuais a libertação repentinamente e preferem sofrer as perturbações da mudança súbita do que os efeitos do vício permanente!

Reconhecendo a debilidade da alma humana para uma decisão heróica e a necessidade de um preparo psíquico para abandonar a carne, estamos procurando despertar a repulsa no mecanismo do vosso apetite e paladar, a fim de que subjetivamente vos prepareis para a futura libertação da zoofagia! Eis o motivo porque efetuamos **relatos crús e desagradáveis** nêsse assunto, despertando-vos a vigilância mental para um desejo mais puro e chicoteando a inércia de vossa sensibilidade ainda hipnotizada à idéia de **assados e cozidos deliciosos!** Assim que desfizerdes o véu ilusório dêsse desejo mórbido, terminareis focalizando a realidade brutal que vos situa em plano inferior aos selvagens, pois além de os imitardes em suas repulsivas alimentações sois dotados de um raciocínio superior!

Pergunta: — Em vista das vossas considerações, sabemos que a desistência brutal da alimentação carnívora, há de trazer-nos consequências funestas! Não é assim?

Ramatís: — Não contestámos o caso de indivíduos que retornam apressadamente ao velho hábito carnívoro, após tentarem o vegetarianismo, alegando a anemia insolúvel devido à insuficiente assimilação de proteínas. Mas isso acontece para aquêles que estão habituados à supernutrição de carne, que sem o de-

vido preparo psíquico, abandonaram o costume carnívoro mas não "mataram o desejo mental". Enquanto êsse desejo atúa vigoroso na mente, a substituição não passa de méra convenção exterior; lembra o fumante inveterado que abandona o cigarro e se aflige com o medo de ver os outros fumarem!

Quando os Mestres Espirituais querem vos demonstrar que a realidade da vida superior póde exigir soluções draconianas, promovem recursos sugestivos que podem vos servir de ótimas ilações construtivas. Embora reclamais que o abandono súbito da carne póde provocar consequências mesmo funestas, pela inoperância do mecanismo assimilador das proteínas do animal, quantas vêzes a úlcera prestes a romper-se no estômago, obriga a sua vítima ao regime absoluto de caldos e sucos de vegetais e frutas, durantes meses e até alguns anos? A gestante sob o perigo de eclampsia ou o excesso de uréia pede a diéta vegetariana; o canceroso intestinal sobrevive meses debaixo da proteína provinda da síntese de laboratório; a hepatite avançada requer alimentação distante de albumina e das vísceras! A lição é de profunda lógica, pois se, o doente sob terrível exaustão vital, consegue sobreviver meses e anos após o abandono súbito da carne, que se dirá daquêle que além de são, ainda póde substituir a carência proteínica nos sucedâneos dos vegetais e frutas?

Pergunta: — Porventura o irmão considera que a alimentação carnívora possa trazer prejuízos físicos, quando a criatura já está condicionada há milênios nessa forma nutritiva? Qual a culpa do homem em ser carnívoro, se desde a sua infância espiritual, êle teve que assim proceder, a fim de sobreviver no meio do mundo físico?

Ramatís: — Repetimo-vos; nem tôdas as cousas que serviram para sustentar o homem nos primórdios da sua origem no plano físico, são convenientes, hoje ou no futuro, quando a criatura humana já atinge situações mais delicadas e cultúa concepções mais altas! Antigamente os ladrões tinham as suas mãos amputadas e aos perjuros eram arrancadas as línguas; entretanto, se vos apegais tanto aos costumes tradicionais, por quê atualmente não cultuais essas disposições brutais e impiedosas, entre os malidescentes modernos? Os antigos homens das cavernas comiam barbaramente os retalhos de carne impregnada com os detritos do chão lamacento! Por quê, modernamente, usais pratos, talheres e cuidados da limpeza do alimento? Naturalmente alegais que vosso senso estético também mudou hoje! Mas embora apregoais a posse dêsse senso mais nobre e o melhor entendimento da vida, continuais carnívoros, o que é mais próprio do selvagem portador de uma consciência primitiva! O homem acostumou-se na ingestão de vísceras sangrentas, a fim de sobreviver ao meio rude e agressivo da matéria, mas a sua alma também era compatível com a rudeza daquela vida inhospita! Atualmente possui um espírito dotado de noções superiores e princípios higiênicos, estéticos e morais da vida civilizada, que também exigem a mesma harmonia quanto à sua nutrição! Após a sua vitória sôbre o desconfôrto das cavernas enlameadas e a maior distância da ferocidade animal, não se justifica a continuidade na devóra dos despojos sangrentos, que melhor identificam a hiena, o lôbo, a raposa. Além de brutal é detestável para aquêles que tentam a sublimação para os mundos etéreos, é contínuo foco de infecção à tessitura magnética e à fisiologia delicada do perispírito!

Pergunta: — Não discordamos das vossas considerações, mas queremos vos dizer que os animais destinados ao córte provém de bom pasto e são limpos de substância patogênica! Essa carne não há de prejudicar o corpo humano, não é verdade?

Ramatís: — Copiais, na realidade, o interêsse mórbido do bugre antropófogo, quando excedia-se em zêlo e atenção para com seu prato predileto, ainda vivo, na figura do prisioneiro no regime da engórda! O civilizado substitui modernamente o antigo prisioneiro do selvagem pelo porco, boi, carneiro ou coelho, extremando-se em cuidadoso trato e carinho nutritivo, para que se torne o melhor petisco na terrina fumegante ou no espêto epicurístico!

A profilaxia de última hora também não extingue a enfermidade que pode ter predominado no animal e cujo "morbo" não deixa vestígios acessíveis à instrumentação científica! Apesar dos maiores cuidados higiênicos, sêr-vos-á difícil avaliar tôda etiologia patogênica na formação do animal! Êste não raciocina e não consegue transmitir-vos suas sensações doentías situadas nos orgãos afetados! O veterinário criterioso, enfrenta exaustivas dificuldades para conseguir a situação patogênica exata do animal, enquanto que o sêr humano pode expôr com riqueza de detalhes as suas perturbações e auxiliar muitíssimo o diagnóstico médico!

E, apesar de tais favorecimentos provindos do homem que fala, muitas vêzes a medicina se equivale ou ignora a verdadeira causa dos males explicados; não é raro o indivíduo se tratar de moléstias banais e sucumbir, com surprêza de última hora, sob o guante de incurável infiltração cancerósa! Um simples exame de urina requerido pelo médico para avaliar um surto febril, pode assinalar um diabético ou uma tuberculóse renal; um hemograma para contrôle das cótas sanguíneas às vêzes aponta a implacável leucemia! A patologia abdominal digestiva requer sublimes esfôrços do mais abalisado facultativo, pois não é difícil confundir a úlcera gastro-duodenal, de início, com a colite ulcerósa ou o surto da ameba histolítica; inúmeras vêzes os pacientes submetem-se à apendicectomía e a cura definitiva se fáz com a ablação da vesícula quase rompida pela litíase deformante!

Desde que no sêr humano é dificílimo precisar com segurança a origem dos seus padecimentos ao simples exame clínico, requerendo-se a multiplicidade de exames laboratoriais e chapas radiográficas, mais complexo ainda se torna identificar o morbo no animal, quando ainda não se faz a sintomatologia exterior! Muitas vêzes o porco é abatido no momento em que se processa a virulência dos bacilos de Hansen ou a desova amebiana, cujo fato só poderia ser assinalado pelo Veterinário após rigorosa autópsia e eficiente exame de laboratório! Nêsse caso, a matança de suinos exigirá, pelo menos, um veterinário para cada animal!

Os miasmas, bacilos, germens famélicos e coletividades ferózes, que germinam no caldo de cultura dos chiqueiros, ingressam em vossa delicada organização física e arremetem, silenciosos, delibitando-vos as energias vitais. Os diagnósticos posteriores que são formulados pelos médicos, nunca poderão precisar a verdadeira origem patogênica das vísceras virulentas do porco, em face da distância de tempo em que fazem a sua eclosão!

Pergunta: — Quê dizeis dos novos recursos preventivos, nos matadouros modernos, em que se aplica antibióticos para evitar-se a deteriora-

ção prematura da carne? Essa providência não terminaria extinguindo qualquer perigo na ingestão de carnes?

Ramatís: — Trata-se apenas de um novo requinte científico, que apenas revela o estado deplorável da mente humana atual! O homem não se conforma com os efeitos daninhos de sua alimentação pervertida e procura, a todo custo, fugir à sua tremenda responsabilidade espiritual! Em breve, um novo panorama enfermo se fará objetivo entre os insaciáveis carnívoros, pois além do efeito deletério da carne, que se intoxica cada vez mais no ambiente bestial do vosso século, encontrar-vos-eis às voltas com o preciosismo técnico das alergias inespecíficas, produzidas pelas reações dos anti-bióticos nos próprios animais preparados para o corte!

Espanta-nos a contradição humana que estabelece propositadamente estados enfermos nos animais que devora, para depois tentar a profilaxia do anti-biótico!...

Pergunta: — Quais os exemplos dessa contradição?

Ramatís: — A vossa Medicina considera que o homem gordo, obeso, hipertenso é um candidato à angina e à comoção cerebral; trata-se de um hiper-albuminoide passível de disfusão cárdio-hepato-renal! A terapêutica é o rigoroso regime de alimentação hidro-salina e a diéta redutora de pêso; aconselha-se alimentação livre de gorduras e predominância vegetal! Sitúa-se o perigo da nefrite, o distúrbio das gorduras é a esteatóse hepática! Somos de parecer, que se os velhos pagés antropófagos pudéssem compreender a natureza mórbida do obêso e a sua provável disfunção renal ou hepática, de modo algum êles permitiriam que suas tribus devorassem os prisioneiros com excessiva gordura! Isto poderia causar enfermidades inglórias, quando, na realidade, buscavam a saúde e a coragem!

Mas o homem do século XX devora os suinos obesos, hipertrofiados na regime de engórda albumínica, para conseguir a prodigalidade da banha e do toucinho; primeiro os enferma em imundo chiqueiro, onde as larvas, bacilos e microorganismos próprios dos charcos, fermentam as substâncias que alimentam os oxiuros, as lombrigas, as tênias, as amebas cólis ou histolíticas! O infeliz animal submetido à nutrição putrebata das lavagens e dos detritos, renova-se em suas próprias dejeções e exala a piór cota de odor nauseante possível; é a figura triste do transformador vivo de imundícies para a gordura enferma, que se destina aos prazeres dos paladares deformados!

Exausto, obêso e letárgico, o porco tomba ao sólo com as banhas fartas e fica submerso na lama nauseante; é massa viva de uréia gelatinósa, que depois é erguida sob cordoames para o sacrifício do matadouro! Que adianta, pois o convencional beneplácito do veterinário, autorizando o corte no sofisma de sanidade animal?

Enquanto isso a vossa humanidade aprisiona-se no círculo vicioso de um Karma implacável e que vos submete à purgações dolorosas na roda das reincarnações! Preocupai-vos com a profilaxia preventiva e rigorosa nos matadouros e chiqueiros zelando para que tenhais a desejada saúde, embora devorais despojos doentíos; na relaidade, sois devorados pelas cirróses, colites, úlceras, solitárias, síncopes de hiper-proteinização e enfartos cardíacos; cobri-vos de eczemas, urticárias, pênfigo, chagas; sofreis a icterícia, nefrite, artritismos, gôtas, enxaquecas e infecções desconhecidas; cada vez mais enriqueceis os quadros da patogenía médica, situando-vos como

casos brilhantes na esfera das síndromes alérgicas!...

Lamentamos a infeliz angústia e ignorância, quando os atestados acadêmicos de um mundo subvertido não conseguem esclarecer a humanidade da sua estultice e insânia mental, a ponto de criar a enfermidade no animal, para depois a profilaxia de segurança!

Pergunta: — Podereis nos dizer se a sistemática aversão à carne de porco, que muitos a consideram realmente doentia e repugnante, devido o tipo de engórda, redunda em benefício à saúde humana?

Ramatís: — Embora essa aversão de alguns seja um passo a favôr da própria saúde "astro-física", nem por isso se eliminam outros processos carnívoros e que teimosamente provam o epicurismo mórbido do homem em sua alimentação desregrada! Os cuidados técnicos e as exigências científicas prosseguem noutros setores, onde se procura o bem exclusivo do homem e o máximo sacrifício do animal! Aqui, mórbidos industriais criam milhões de gansos sob regime específico, desenvolvendo-lhes o fígado de tal modo, que as aves se arrastam pelo sólo em macábros movimentos claudicantes, a fim de que a indústria da conserva de "paté" obtenha substância mais rica para o enlatamento moderno; ali peritos humildes batem apressadamente o sangue do boi, para transformá-lo em tétricos chouriços de substância animal coagulada; acolá, não perdeis, siquér, os orgãos excretôres do animal, embora o saibais depósitos de veneno e detritos repugnantes; escovai-os e os submeteis à água fervente e os transformais em quitutes para a mesa festiva! A panela terrícola absorve desde o miolo do animal até os sulcos carcomidos de suas patas cansadas!

E não satisfeitos em sua gula carnívora, alguns escolhem o domingo mais belo, sob um suave céu azul, com os reflexos dos raios dourados do Sól e impregnados da brisa do perfume selvático das flôres, para então praticarem a caça destruidôra às aves inofensivas, completando, mórbidamente, a carnificina da semana! Bandos de avesitas de penas ensanguentadas se transformam em novos pitéus epicurísticos, a fim de que o caçador de aves obtenha alguns momentos lúbricos na trituração de carne tenra do pássaro canoro da natureza! Quantas vêzes a própria natureza se vinga dessa indignidade humana contra os seus enfeites vivos? Algumas vêzes o próprio caçador tomba agonizante, sob a sua arma em disparo inesperado ou ferido pelo companheiro distraido; doutra feita, a sérpe, a bactéria infetante ou o inseto venenoso vingam a caçada inglória!

Que importa, pois, que muitos sejam avêssos à carne do suino, quando prosseguem requintando-se noutros repastos carnívoros e igualmente incoerentes ao sentimento espiritual, que já devia ser predominante no cidadão terráqueo?

Pergunta: — Desde que os animais são de fácil proliferação, inconscientes, e comumente de vida prematura, trata-se de um crime tão severo o costume nutritivo que nasceu com o próprio homem? Crêmos que se Deus planejou a vida dêsse modo, cumpre a Êle modificá-la e não ao homem, que é apenas a criatura e portanto ignora a Realidade Cósmica!... Cumpria ao Pai, em Sua Augusta Inteligência orientar o seu filho para um outro comêço de vida distanciado da carne, não é assim?

Ramatís: — A culpa principia a se manifestar assim que também se firma a consciência capaz de avaliá-la, distinguindo o que é justo ou injusto, certo ou errado! Deus não

pune as criaturas porque seguem diretrizes que lhes parecem certas; nem existe instituições punitivas para o homem que discrepa da Lei da Harmonia e da Beleza Cósmica! E' a própria criatura que sofre as consequências dos seus deslizes, porquanto afastando-se dos princípios ascencionais e desviando-se da subida angélica, deve ser retificada mesmo através dos recursos dolorosos!

Já vos recordámos alhures; o selvagem que devora o seu irmão para sòmente matar a fome ou herdarlhe as qualidades belicosas, é sempre um espírito sem malícia perante a Lei Suprema do Alto! A sua consciência não pode extrair ilações morais daquilo que ainda não pode distinguir se é equívoco ou de sentido superior ou inferior da alimentação carnívora! Mas o homem que sabe implorar piedade e chama a Deus em suas dôres; que sofre acerbamente ante a desgraça dos seus pupilos ou simpatias; que compreende o aconchêgo da família e a carícia da velhinha que o embalou desde o bêrço; que derrama lágrimas compungidas diante da tragédia do próximo e se comove na encenação da novela melodramática; que já é portador de uma sensibilidade psíquica superior para o amor e para a beleza, para a luz e para a alegria; que censura e se horroriza da guerra, teme a morte a dôr e a desgraça; que distingue o criminoso do santo, o ignorante do sábio, o velho do menino, a saúde da enfermidade, o veneno do refrêsco, a igreja do prostíbulo, o bem do mal; êsse homem também há de compreender o seu equívoco na matança dos pássaros e o barbarismo na multiplicação incessante de matadouros, charqueados, frigoríficos e açougues sangrentos! E perante a Lei Suprema não pode eximir-se da consciência do seu êrro e será um delinquente, se ainda persiste no vício daquilo que sua alma já lhe aponta como condenável a um Ideal Superior!

O selvagem devora a carne sangrenta sob a idéia inciente de que Tupã quer vê-lo valente e forte; mas o cidadão, que além de matar, retalhar e cozer as visceras do irmão menor, serve-se ainda de sua inteligência para melhorar o môlho e acertar o condimento ao paladar sádico, revela-se em perturbação perante aos propósitos elevados da Vida! Espera o galináceo perder a faculdade de pôr os ovos que apanha avaramente, para então torcerlhe o pescoço; separa o boi e o novilho para o choque traumatizante da nuca; exercita-se hàbilmente para dilacerar a garganta do porco ou do carneiro, a fim de não perder o sangue rútilo; embebeda o perú para amaciar-lhe a carne e perversamente ferve os crustáceos e mariscos ao vivo; empanturra o suino com sal pródigo, para obter o melhor chouriço de sangue coagulado! Muitas vêzes, enquanto o cabrito doméstico lambe-lhe as mãos num gesto de carinho, enterra a faca traiçoeira nas entranhas do animal estupificado, apenas porque é véspera de Natal — o dia do Meigo Jesus!...

A vaca chora e lambe o local onde matam o seu bezerro; o cordeiro geme e se torna lacrimoso às vésperas de morrer; mas o homem insaciável e mórbido, a tudo esquece na sua tremenda escravidão ao cemitério do estômago! Ainda poupa o cão, o gato e o cavalo, porque a carne dêstes animais **não é saborosa para o homem**; porquanto não lhe importa a ventura do animal, mas apenas os proventos requintados que êle pode oferecer!

Pergunta: — A ciência médica é unânime em comprovar que existe um vigoroso condicionamento biológico e mesmo psíquico, que nos obriga à alimentação carnívora; o nosso sistema endócrino produz sucos e

hormônios especìficamente apropriados para a digestão da carne, à simples idéia de a ingerirmos! Essa sincronia e o metabolismo fisiológico, demonstra-nos que somos fundamentalmente necessitados de carne! Em compensação, muitos sêres se tornam enfermiços na ingestão de vegetais e frutas, situando-se nos quadros patológicos da alergia! Não é isso motivo para justificar que o nosso organismo foi propositadamente criado para a alimentação carnívora?

Ramatís: — O cigarro também não foi criado para ser fumado fanàticamente pelo homem; êste é que imitando estultice dos bugres descobertos por Colombo, terminou se escravizando ao uso imoderado do fumo! Assim que pensais no cigarro, o vosso sistema endócrino também produz anti-toxinas, que devem neutralizar a nicotina e proteger-vos para que possais inundar os pulmões com a fumaça fétida! Confundís os defesas da natureza com o condicionamento biológico e atribuís à uma necessidade imperativa aquilo que é produto da negligência espiritual! O descuido ante a falta de vigía à mente que comanda o psiquismo, aumenta progressivamente o uso do cigarro; cria-se o círculo vicioso pelo desejo incessantemente renovado e surge o carrasco implacável de uma segunda natureza perniciósa e exigente!

Comumente abrís a carteira e levais o cigarro aos lábios, completamente desapercebidos dêsse automatismo desencadeado pelo vício; é uma ação completamente ignorada da consciência em vigilia e hàbilmente dirigida pela "outra" entidade situada no vosso subjetivismo! Então já não fumais, mas sois fumados pelo instinto indisciplinado!

E' óbvio que no vício da carne efetuais o mesmo mecanismo inconsciente; sois dirigidos pelo **desejo de comer vituálhas animais** e naturalmente o sistema endócrino atende-vos o comando mental, produzindo sucos e hormônios eletivos à digestão carnívora! A invigilância espiritual finge ignorar o mau hábito que já ultrapassa a linha da consciência normal e a alma tenta o sofisma do condicionamento biológico!

Naturalmente não ignorais que essas providências endocrínicas se fazem em qualquer circunstância da imaginação nutritiva; o indú habituado à ingestão de frutas sazonadas e legumes sadíos, também fabrica os hormônios e os sucos digestivos à simples idéia de alimentação a que está acostumado. A diferença, entretanto, é que êle só precisa de hormônios destinados à nutrição puramente vegetal, enquanto vós os produzís para a cobertura digestiva dos despôjos sangrentos da alimentação carnívora!

Alegais que muitos se tornam enfermiços na ingestão de vegetais e frutas; nem pômos dúvida ao fato, pois o mau hábito progressivo da alimentação carnívora, distanciou-vos de tal modo da natureza dos vegetais e frutas deliciosas, que o vosso metabolismo já não os pode assimilar à contento e cria os fenômenos pitorescos da alergia! Desde que vos coloqueis sob vigilância mental no contrôle dêsse desejo mórbido e contrário à futura delicadeza do espírito, em breve verificais que também se afrouxam os laços opressivos do "pseudo condicionamento biológico" para a nutrição da carne!

Pergunta: — Quais os exemplos que melhor nos poderiam assinalar êsse pseudo condicionamento biológico que anotais?

Ramatís: — A prova de que há invigilância mental em vez de condicionamento biológico na alimentação carnívora, comprovais pela contradição do vosso olfato e paladar das mesmas circunstâncias. E' evidente

que sentís náuseas e repugnância diante dos cadáveres de animais vítimas de um incêndio ou de uma explosão, onde as vísceras carbonizadas exalam o odôr fétido da carne queimada; entretanto, momentos depois, diante de uma pitoresca churrascaria, a mesma repugnância anterior se transforma em excitado apetite, apenas porque a carne do animal é queimada a **fogo** e regada por ativos condimentos! O mesmo sentimento que vos contrai a vesícula biliar e repugna na presença do cadáver vitimado pelo fogo, também costuma produzir sucos e hormônios no fenômeno do apetite, desde que êsses despojos cadavéricos sejam assados sob um môlho de vinagre e cebolas!

Indubitàvelmente sois vítimas de uma censurável ilusão mental, que vos faz supôr prazer e necessidade nutritiva, naquilo que paradoxalmente também vos provoca nojo e repulsa, quando observados em sua verdadeira natureza! A fumaça gordurósa e desagradável que se exala do cadaver do porco carbonizado no incêndio do chiqueiro, é a mesma que ondula sôbre as grades tétricas da churrascaria, onde as vísceras suínicas vertem a sua albumina respingada pelos temperos da sabedoria humana! Na realidade, os retalhos de carne recortados dos despojos cadavéricos da vitéla vítima do **fogo acidental,** pódem ser tão **macios e gostosos,** quanto ao **filé mignon** da fritura no **fogo oficial** do restaurante luxuoso, e que é servido em rico prato de porcelana e ao som de festiva orquestra!

E' evidente que não se trata de condicionamentos de espécie alguma essa infantil disposição mental, em que a imaginação ora se torna correta lobrigando a realidade da **carne queimada,** ora se ilude fragorosamente na miragem de suculento petísco sôbre o que antes era completamente desagradável!

Pergunta: — Podemos pressupor que a Divindade tudo fará para a extinção dos matadouros, frigoríficos ou açougues da Terra?

Ramatís: — Nem opomos dúvida, pois no terceiro milênio não mais devem existir instituições industriais que se mantêm à custa da morte de irmãos inferiores; elas deverão desaparecer, pouco a pouco, quer por motivos de ordem econômica, epidêmica ou acidental, bem como pelo repúdio humano que sentirá a necessidade de uma melhoria nutritiva. Sabeis que a abdicação à carne é um dos principais fundamentos das doutrinas do Oriente, em que se destacam o Hermetismo, o Induismo, o Budismo, o Yoguismo, o Esoterismo e a Teosofia, inclusive milhares de outras seitas que vicejam à sua sombra. A proverbial negligência do ocidental desinteressando-se dessa abstenção louvável, que aliás, ainda o favoreceria com um Karma mais suave no futuro, termina envolvendo-o demoradamente na engrenagem melancólica das enfermidades, impondo-lhe dietas angustiosas, além do que, mantém o necessário sustento à Medicina terráquea.

Pergunta: — Certos de que a indústria oferece trabalho a milhões de criaturas, cremos que a sua paralização súbita seria um desastre econômico para o mundo. Uma vez que se multiplicam açougues, charqueados, frigoríficos ou indústrias de carne enlatada é porque a Divindade assim o permite, não é?

Ramatís: — Quando apareceram os primeiros automóveis, os antigos cocheiros e construtores de veículos também protestaram contra a iminência de terrível desastre econômico, pois temiam pelo fechamento de ferrarias, viaturistas, inclusíve quanto aos prejuizos dos criadores de cavalos, arreieiros, artesões, pintores e estofadores. No entanto, a sabedoria da vida transformou tudo

isso em oficinas mecânicas, postos de gasolina, lavadores, eletricistas, artífices de borracha, garagistas, torneiros, petroleiros, fiscais de trânsito, niqueladores, toldistas, vidraceiros, pintores e extensa indústria de tambores, latas, frascos, enfeites e tecidos adequados para a fabricação de automóveis. Em vez de falência prevista com angustioso pessimismo, constituiu-se uma das mais poderosas atividades que tem enriquecido os países operosos. Do mesmo modo, a paralização da indústria fúnebre das vísceras sangrentas, além de se tornar inefável bênção kármica para a vossa humanidade, há de favorecer a edificação do mais rico parque industrial de produtos frugíveros, vegetais e seus derivados, capaz de atender ao paladar mais exigente, e que atualmente se encontra deformado pela nutrição cadavérica. A química e a botânica serão chamadas a contribuir decisivamente para a nova riqueza, produzindo os mais variados tipos de frutas, que hão de se transformar em bocados paradisíacos!

A alegação de que a Divindade ainda favorece o aumento de açougues e dos matadouros é consequente da vossa interpretação falsa dos desígnios de Deus; reparai como atualmente se tornam mais dificultosas as aquisições de carne por parte dos pobres, que se vêem obrigados a recorrer a outras fontes de alimentação. Ignoram, que a medida que aumenta a dificuldade para o homem ingerir carne, apura-se, também, o mecanismo psíquico do desejo carnívoro, que pouco a pouco se enfraquece pela abstinência compulsória. Ante a comprovação que tendes, de que a carne do animal cansado ou com o seu metabolismo acelerado, provoca envenenamento nos seus consumidores, devido ao aumento das. toxinas que passam no sangue antes de se drenarem pelas vias emunctórias, é óbvio que a qualquer momento que ingerirdes carne, sempre estareis absorvendo um pouco do veneno do animal!...

Os médicos estudiosos já devem ter notado o recrudescimento dos surtos amebisíacos e das infecções inespecíficas do cólon intestinal, inclusive as ulcerações e fístulas retais, eventos hemorroidários e aumento de viscosidade sanguínea, que em parte são causados pelo uso imoderado da carne de porco. Em face ao aumento constante dos indivíduos "hiper-proteinizados", que povoam o cemitério sob o preciosismo médico das "síncopes, enfartos e derrames cerebrais", em breve, ouvireis o grito alarmante da vossa ciência: — "evitem a carne de porco!..."

Pergunta: — Além da indústria de carne, pròpriamente dita, não considerais os vultosos prejuizos que decorreriam da extinção dos matadouros ou charqueadas, ante a matéria prima que deveria faltar para o fabríco de artefatos de couro e dos seus derivados?

Ramatís: — Raramente conseguís avaliar as divinas mensagens que Deus vos envia, quando vos solicita a modificação dos velhos hábitos perniciosos, mas em troca oferece outros meios mais valiosos e que atendem a substituição sugerida. De há muito tempo já proliferam no vosso órbe as industrias abençoadas do "nylon" e de outros recursos de manufatura plástica, capazes de substituir com êxito a mórbida fabricação de artefatos de couro arrancado do infeliz animal! No terceiro milênio não serão mais preferidos o sapato, o cinto, a bolsa, a carteira ou o traje confeccionados com a matéria prima sangrenta e que estimula a indústria da morte!

Mesmo no tocante aos acessórios de vossa alimentação, o azeite e a gordura de côco, já substituem a repulsiva banha cultivada no chi-

queiro e no charco de albumina do porco!

Pergunta: — Devemos crêr que o terrícola, no futuro, se tornará exclusivamente vegetariano?

Ramatís: — Não tenhais dúvida; êsse é um imperativo indiscutível à vossa humanidade!... **O fator econômico** à base da indústria da morte, no fabríco do presunto enlatado e do "paté" de fígado hipertrofiado de ganso ou de galinha, dos cozidos de vísceras saturadas da uréia do boi pacífico ou os repulsivos chouriços de sangue coagulado e sob invólucros dourados, não constam dos planos siderais para atender a economia do mundo no terceiro milênio! E quanto às condições espirituais é preciso refletir que o "santo carnívoro" ainda não é entidade no comando das esferas superiores!

Do mesmo modo como hoje vos horrorizais ante a antropofagia dos selvagens, que devoram músculos e trituram tíbias dos humanos, seus adversários, ação esta que, sob o Código Penal, seria considerado crime abjeto e infamante, no futuro, quando dominarem as Leis Aureas de Proteção às Aves e aos Animais, também serão punidos e encarcerados os "virtuosos civilizados", que ainda devoram os seus irmãos menores para adquirirem as famosas proteínas! Então comer carne de gado será crime aviltante!

Pergunta: — Mas já existem em nosso mundo algumas sociedades de proteção aos animais e as aves, o que, aliás, nos parece de bom agouro especialmente ante a comprovação de que se iniciaram movimentos de sentido vegetariano! Que nos dizeis a êsse respeito?

Ramatís: — Consideramos louváveis tais empreendimentos, mas a maioria ainda só se preocupa com a regulamentação da caça ou apenas quanto aos maus tratos contra os animais de carga e de transportes. As verdadeiras sociedades de proteção ao animal e à ave, que realmente pretendessem se enquadrar nos cânones divinos, teriam que lutar tenazmente, para que fôsse evitada a morte do infeliz sêr que ainda é sacrificado para atender as exigências das mesas enfêrmas dos civilizados! Paradoxalmente, quase todos os vossos contemporâneos que superintendem as sociedades de proteção aos animais, são **comedores de carne** e, portanto, *cooperadores* para que prossiga a carnificina nos matadouros e as chacinas nas charqueadas, onde o sentido utilitarista desconhece a mansuetude, a piedade ou amor!

Não considerais que é ridículo comemorardes os aniversários das instituições terrenas de proteção aos animais e às aves, sob festiva e suculenta churrascada de carne de boi sacrificado na véspera, onde os brilhantes oradores hão de proferir discursos sôbre a lei de caça e o amor ao cavalo, enquanto o magarefe prepara o **apetitoso** lombo de porco no tempêro da moda? A questão de se regular a caça para uma época apropriada e longe da procriação da ave ou do animal, não identifica proteção ou prova de piedade; é apenas o extremoso cuidado, que se manifesta para não se extinguirem as espécies reservadas à caça e destruidas pela "diversão" prematura!...

A piedade e a proteção aos pássaros só as demonstrareis com a absoluta recusa de matá-los em qualquer época de suas vidas. Essa **oficialização** de épocas apropriadas para a matança das aves indefesas é apenas grosseiro subterfúgio, mas que não vos exime, perante a vida, da responsabilidade de matar. Apesar da cadeira elétrica ou dos fuzilamentos modernos serem considerados **atos oficiais,** por um grupo de juristas sentenciosos, perante Deus o crime oficializado é muito pior do que o homicídio impelido

por um mau sentimento, ou pelo amor ou pela fome, num momento de cólera ou mesmo de vingança incontrolável. O criminoso, embora vezeiro no crime e na delinquência, comumente não avalia a extensão do seu delito execrável, que quase sempre, é instigado pelo feroz egoismo da conservação animal; mas os compiladores de leis ou psicólogos que se arvoram em conhecer a alma humana, serão responsáveis pelo delito de **matarem por cálculo**, embora aleguem que assim o fazem em defesa das instituições sociais!

Pergunta: — Como poderíamos lograr desfazer êsse condicionamento biológico da alimentação carnívora, sem sofrermos a violência de uma substituição radical?

Ramatís: — Alhures já vos temos lembrado que o peixe, os mariscos e os crustáceos são **corpos coletivos** componentes de um só **espírito grupo,** que lhes dirige o instinto e gera-lhes uma reação única e igual em tôda a espécie. Um peixe fora dágua ou dentro dela, manifesta sempre a mesma reação igual e exclusiva a todos os demais peixes do mesmo tipo; entre milhões de peixes iguais, não conseguireis distinguir uma única reação diferente no conjunto. No entanto, inúmeras outras espécies animais já revelam princípios de consciência; podem ser domesticados e realizarem tarefas distintas entre si. O boi, o suino, o cão, o gato, o macaco, o carneiro, o cavalo, o elefante e o camelo, já revelam certo entendimento de consciência à parte, em relação às várias funções a que são chamados a exercer. Êles requerem, cada vez mais, a vossa atenção e auxílio, para firmarem um sentido evolutivo em direção a outros planetas, nos quais as suas raças poderão alcançar melhor desenvolvimento, no comando de organismos mais adequados às suas características.

Quando o seu psiquismo estiver propenso, ou tiver alcançado o crédito para o comando de cérebros humanos, então as suas constituições "psico-astrais" poderão retornar ao vosso globo e operarem na linha evolutiva do homem terrícola.

Eis os motivos porque Jesus nunca sugeriu aos seus discípulos que praticassem a caça ou a matança doméstica, mas aconselhou-os a que lançassem as rêdes e pescassem. Os peixes e os mariscos ainda se distanciam muitíssimo da espécie animal, que é dotada dos rudimentos de consciência; mesmo que não sejais absolutamente vegetarianos e vos alimentais de peixes, crustáceos ou mariscos, já revelais grande progresso no domínio ao desejo doentio da zoofagia. Não vos aconselhamos a desistência violenta da carne, se ainda não sois dotados da vontade poderosa que vos permita a *mudança radical;* podeis eliminar, primeiramente, a carne dos animais, em seguida a das aves e depois manter-vos com a alimentação do peixe e congêneres, até que naturalmente a vossa mente se higienize para a preferência exclusiva pelo vegetal e frutas.

Mas é preciso que vigieis a vossa mente, a fim de que a modifiqueis, pouco a pouco, para abandonardes a nutrição que é vilmente estigmatizada com a morte do animal inocente. Em breve, o desejo mórbido de ingerírdes vísceras cadavéricas, poderá ser substituido pelo salutar desejo vegetarino, em que trocareis as vituálhas sangrentas pelos frutos suculentos, perfumados e sadios.

O primeiro esfôrço para extinguirdes a nutrição carnívora, deve ser o de compreenderdes a realidade intrínseca de que se constitui a carne e, que se disfarça sob a forma de gostosos *pitéus*.

Pergunta: — Qual é um exemplo mais objetivo que podereis nos dar, a fim de que possamos vigiar a mente e controlar o instinto para

extinguirmos o desejo carnívoro?

Ramatís: — Primeiramente é necessário que não vos deixeis fascinar completamente pelo aspecto festivo e colorido das massas repletas de vísceras fumegantes, nas quais a arte mórbida ainda ajusta enfeites e sugestões pérfidas, que mais vos acicatam o desejo inferior. Diante do **presunto apetitoso** convém que mediteis na realidade fúnebre que está à vossa frente; há que recordar a figura do suino metido no charco, na forma de detestável monturo de albumina, suarento, balôfo e imundo, e que depois é cozido em água fervente, para dar-vos o **presunto rosado e cheiroso!** Ante o **churrasco delicioso** não vos deixeis seduzir pela idéia da carne a crepitar sob apetitoso condimento, mas é preciso que o examineis na sua verdadeira condição de musculatura sangrenta, que durante a vida do animal eliminou o suor acidulado pelos póros, verteu toxinas e uréia, figurando também como a rêde microscópica que canaliza bacilos de todos os matizes e de tôdas as consequências patogênicas.

Na realidade, o vosso estômago não foi corporificado para a macabra função de cemitério vivo, no qual se liberta a fauna dos gérmes ferozes e famélicos e se desmantelam as fibras animais! Se não vos deixardes dominar pelo impulso inferior, que perverte a imaginação e vos ilude na falsidade da nutrição apetitosa, cremos que em breve sentir-vos-eis libertos da ingestão dos despojos animais, da mesma maneira como há homens, que se libertam mental e fisicamente do vício de fumar e não mais sofrem diante dos fumantes inveterados. E, se o desejo impuro ainda comanda o vosso psiquismo negligente e enfraquece a vontade superior, é mister que, pelo menos, recordais a comoção dolorosa do animal, quando é sacrificado sob o cutelo impiedoso do magarefe ou sofre o choque operatório da faca perversa em suas entranhas inocentes!

Pergunta: — Indagaram-nos alguns confrades se há acréscimo de responsabilidade para os espíritas que ainda são carnívoros.

Ramatís: — Não podemos, no caso mencionado, assinalar-lhes "acréscimo de responsabilidade", pois a maioria ainda obedece ao próprio condicionamento biológico do pretérito, que se consolidou na sua formação animal e humana. Evidentemente são poucos os espíritas que encaram o problema da alimentação como um delicado assunto que deve ser digno da atenção doutrinária. Mas o costume carnívoro não se coaduna, de maneira alguma, aos princípios elevados do Espiritualismo, o qual além de se fundamentar nos preceitos amorosos de Jesus, firma-se também, nos postulados iniciaticos do passado, em que o alimento vegetariano era norma indiscutível para o discípulo bem intencionado.

Os espíritas que estiverem seriamente integrados no **sentido revelador e libertador** da doutrina de Kardec, indubitàvelmente hão de exercer contínuos esfôrços para extinguirem o péssimo costume de ingerirem vísceras dos seus irmãos menores! O seu entendimento superior e progressivo, distanciar-lhes-á cada vez mais dos retalhos cadavéricos!

E' óbvio, que a questão de comer carne ou não é assunto de fôro íntimo da criatura; bem sabemos que aquélas que não se dispuzerem a mudar de alimentação carnívora para a de vegetais, de modo algum concordarão com os nossos enunciados. Muitos saberão tecer conclusões ardilosas e sugestivas, justificando a nutrição barbaresca, enquanto ao desejo impuro, alegando o *preceito natural da vida humana!* mas em verdade, aquélas que pro-

curam um mais alto nível de espiritualidade, não ignoram que a carne é tão prejudicial ao organismo físico, que lhe absorve as toxinas uréias, como também violenta a tessitura delicada do veículo astral, onde se agravam as emoções da alma. Desde que pretendais melhor coeficiente físico, moral, social, artístico, intelectual ou espiritual, é claro que a abstinência da carne é um imperativo indiscutível para o êxito completo dêsse ideal superior.

As figuras santificadas dos líderes espirituais do vosso mundo, tais como: Buda, Gandhi, Maharshi, Francisco de Assis e outros, destacando-se principalmente o Sublime Jesus, deixaram-vos a tradição de uma vida distante das vituálhas sangrentas ou dos pitéus assados no brazeiro das churrascadas tétricas! E' de senso comum, que os povos mais belicosos e instintivos são exatamente os maiores devoradores de carne, simbolizando bem as figuras brutais, obêsas e antipáticas dos antigos césares romanos, que vos ferem a retina espiritual como famélicos "comedores de carne"!

Embora não se agrave a responsabilidade dos espíritas, que ainda preferem os despojos animais, nem porisso se lhes reduz a culpa de serem tradicionais cooperadores de matadouros e açougues, além do flagrante desmentido aos preceitos de amor e bondade, para com o infeliz animal sacrificado ao repasto lúgubre.

Pergunta: — Então sob êsse vosso raciocínio achais incoerente que os espíritas devorem os despojos dos animais?

Ramatís: — Cremos que só devem ser considerados razoáveis os protestos ou as desculpas dos carnívoros que, quando ignoram os postulados espiritas, ou vivam à sombra das igrejas conservadoras, que ainda impregnam as suas festas religiosas com a atmosfera nauseante da churrascaria. Mas a contradição sempre será evidente, quando essa prática macabra se faz entre os cultores do Espiritismo, que é um **despertador de consciência** e divino fermento que renova tôdas as posturas inferiores.

Pergunta: — E quais as vossas considerações quanto aos mentores da doutrina espírita, que ainda se alimentam de carnes? Em virtude de serem responsáveis pela divulgação doutrinária, deveriam ser vegetarianos?

Ramatís: — Uma das principais incongruências dos mentores espíritas existe no fato de também promoverem iniciativas e festividades fraternas, sob a égide do espiritismo, enquanto no braseiro rutilante são queimados os despojos cadavéricos que dão sustento aos matadouros. Aquêles que se aprofundam sinceramente nos conceitos do amoroso Jesus, e desejam testemunhar o inefável conselho do "Sêde mansos de coração", evidentemente contradizem-se, quando ainda continuam a ingerir o produto da dor e do sofrimento do animal inocente! A indefectivel tômbola em benefício da instituição espírita, com a tradicional citação do "saboroso churrasco", muito pouco se distancia da Igreja Católica, Protestante ou Adventista, em que os seus fiéis adéptos se reunem, em tôrno da vala comum, onde o suino, o cabrito ou o boi são assados à flor do solo, como se tivessem emergido dos seus próprios túmulos violados!

Pergunta: — Somos de parecer que os espíritas ainda não podem ser censurados pela alimentação carnívora, pois tal costume, além de bastante natural é próprio do nosso atual estado evolutivo espiritual. É-nos difícil compreender que uma inofensiva e tradicional churrascada possa situar-nos culposamente perante o Criador!

Ramatís: — E' tempo de raciocinardes mais sensatamente no tocante ao verdadeiro sentido de espiritualidade superior, distinguindo, também, com mais clareza, os vícios mais próprios do reino de Mamon e os valores que vos promovem à cidadania para o mundo de Deus! Mormente a contestação que efetuais quanto à nutrição carnívora, do pretérito, é tempo, oportuno agora, de compreenderdes que já soou a hora do definitivo despertamento natural. Em concomitância com a próxima verticalização do vosso orbe em seu eixo imaginário, há também necessidade de vos verticalizardes em espírito libertando-vos, também, da alimentação cruel e ignominiosa das vísceras animais!

Inúmeras vêzes as vossas costumeiras contradições chegam a se tornar um quase desafio aos bens generosos que provêm da magnanimidade do Pai!

Pergunta: — Qual seria o exemplo de algumas dessas contradições que mencionais?

Ramatís: — Quantas vêzes, enquanto propiciais fraternas homenagens aos vossos confrades, oferecendo-lhes ao ar livre, retalhos cadavéricos assados, cozidos ou fervidos, pairam sôbre as vossas cabeças perfumados cachos de uvas pendentes das parreiras que ainda vos dão a sombra amiga para o festim mórbido? Enquanto que a carne queima no braseiro ardente, a fumaça fétida e viscosa engordura as macieiras, videiras ou os dourados laranjais pejados de frutos sazonados, que são divinas ofertas que o homem ingrato despreza!

Os pregadores espíritas integrados no messiânismo de salvar as almas escravizadas à matéria, devem cooperar para a sanidade da vida em tôdas as suas expressões físicas ou morais. Consequentemente, nunca devem incentivar processos mórbidos que contrariem o rítmo harmonioso da existência sadia! Desde que nas festividades espíritas os alcoólicos são repudiados por serem perniciosos e deprimidos, as churrascadas e os banquetes carnívoros que empestam as frutas abençoadas, também deveriam ser repelidos porque afastam-vos das vibrações delicadas das almas superiores! Estranhamos que para o êxito da festividade espírita, o cadáver do irmão inferior tenha que ser torrado na fogueira da detestável e viciosa churrascada do mundo profano!

Aqui no Espaço, também perambulam espíritos desencarnados, ainda tão apegados às saudades dos banquetes pantagruélicos e carnívoros, que vivem em contínua inquietação, a qual só se extinguirá com a bênção de um corpo físico, em que poderão satisfazer e materializar êsse desejo demasiadamente ativo no psiquismo desgovernado. Ainda não puderam olvidar a grande decepção de terem recitado belos e compungidos versículos evangélicos, em festividades fraternas do Espiritismo, na Terra, enquanto outro confrade serviçal assava o cadáver do irmão inferior destinado ao cemitério da barriga dos convidados! Ao despertar, no Além, a alma encontra-se consigo mesma e aflige-se, profundamente, verificando a realidade de suas contradições ao confundir o "mundo divino" com o "mundo profano"!

Pergunta: — Muitos espíritas alegam que a alimentação do homem nada tem a ver com o Espiritismo, por isso julgam que as vossas considerações são improdutivas e mesmo censuráveis. Que dizeis?

Ramarís: — E' indiscutível que tôdas as filosofias do Oriente, especialmente as que promulgam a libertação do espírito do jugo da matéria, sempre hão preceituado que a primeira virtude do discípulo deve ser o abandono da nutrição carnívo-

ra. Como Allan Kardec, ao codificar a sua doutrina, também se inspirou nesses postulados de filosofia espiritualista oriental, apesar de não serem conhecidas da generalidade dos homens de então, surge agora visível contradição entre os espíritas que louvam a alimentação da carne. A discordância porém é flagrante pois, se a fonte louvável do Oriente, em que também se inspirou o Espiritismo é fundamentalmente vegetariana, é óbvio que os seus adeptos não deveriam ignorar a grande importância relacionada com a alimentação dentro dos postulados que admitem.

Embora se queira afirmar que a doutrina espírita é firmada exclusivamente nas comunidades dos espíritos, não vos esqueçais de que até mesmo êsses espíritos comunicantes têm a sua formação consciencial firmada na velha mística oriental. Todo o esfôrço moderno de espiritualização do mundo, não pode afastar seus métodos ou as suas iniciativas abandonando o experimento milenário do Oriente, cuja tradição religiosa, dos templos dignos de respeito, traz por fundamento essencial a doutrina vegetariana! Não estranhamos que essa censura proviesse das religiões sectaristas e dogmáticas, em cujos templos se mantém a gélida adoração dos ídolos de pedra e se pregam os postulados infantís de um Deus antropomórfico, mas, é sempre contraditório que o espírita concorde com a ingestão cadavérica do seu irmão inferior, quando já é portador de uma consciência mais desenvolvida e âmpla, sob a alta pedagogia de amadurecidos valores acumulados em vidas transatas.

E' provável que as nossas cogitações sôbre o vegetarianismo sejam consideradas improdutivas e até impertinentes a grande número de espíritas; no entanto, as censuras ao presente tema e os louvores à nutrição carnívora, implicam em se considerar que Deus fracassou lamentàvelmente quanto ao modo de nutrir os seus filhos lançando mão do recurso execrável de criar cabritos, coelhos, porcos, bois e carneiros, destinados ao sacrifício cruel das mesas humanas! No presente caso, convinha que os animais também fôssem consultados a êsse respeito, a fim de se conhecer se estão de acôrdo com essa gentil disposição de muitos espíritas, que os devoram sob festivos cardápios e requintados molhos, que deixariam boquiabertos a muitos zulus antropófagos!

E' estranhável, portanto, que ainda se façam censuras sôbre as solicitações seguintes, em que temos situado o nosso principal enunciado: que não coopereis para o aumento de matadouros, charqueados e açougues; que não propagueis as efusivas churrascadas sangrentas na confraternização espírita; que eviteis na vossa aura o visco nauseante e aderente do astral inferior, que se liberta do animal sacrificado; que vos distancieis, o mais urgente possível, dos velhos antepassados caiapós ou tamoios, que devido a ignorância dos postulados espíritas, se entredevoravam em ágapes repugnantes!

Que, falhando tôda nossa solicitação para que adoteis uma alimentação compatível com o vosso entendimento espiritual, pelo menos tenhais **piedade do animal inocente,** que é vosso irmão menor perante Deus! Deste modo, podeis integrar-vos com menor demora nos preceitos amorosos de Jesus e chegareis a compreender a mensagem generosa do Criador, que bondosamente veste o sólo terráqueo de hortaliças, legumes e árvores pejadas de frutas, na divina e amorosa oferta viva para uma nutrição sadia!

Pergunta: — Temos sido contes-

tados de que Allan Kardec não censura a alimentação carnívora, nem a considera indigna ou imprópria aos espíritas. Que dizeis?

Ramatís: — Referimo-nos às Leis e não às condições humanas, mesmo quando mencionadas por Condutores de Almas! Allan Kardec viu-se compelido a situar os seus sensatos postulados ao espírito psicológico da época, evitando o conflito com a mentalidade profana, ainda bastante acanhada na escravidão ao dogma religioso, inclusive, também, com as instituições responsáveis pela economia, em que a indústria da carne constituia-se causa fundamental de riqueza. Desde que o vegetarianismo era praticado apenas por raros iniciados, que assim procuraram aproximar-se das fontes espiritualistas do Oriente, seria prematuro e inconsequente, que o nobre codificador firmasse êsse postulado no Espiritismo recém exposto ao público, o que bem poderia trazer o ridículo para os seus neófitos. Naquela época, a simples idéia de abstinência da carne, como imperativo de uma doutrina edificada para a massa comum, seria o fracasso incontestável dessa doutrina. O espiritismo, em seu início, fôra encarado mais como revelação de preceitos esotéricos, do que mesmo doutrina de ordem moral e disciplina evangélica, cujas virtudes ainda eram consideradas como exclusividade da religião dogmática dominante!

No entanto, em sua base oculta-se a mensagem claríssima para "os que tiverem olhos de ver", na qual Allan Kardec identifica sugestiva e sibilina advertência que endereça **particularmente** aos seus adeptos com relação ao vegetarianismo.

Examinando-lhe a magnífica obra, que constitui a terceira revelação no âmbito do vosso planeta em progresso espiritual, dar-vos-êmos apontamentos que distinguem, perfeitamente, a índole espiritista para a alimentação vegetariana. Diz o codificador, em nota pessoal de esclarecimento à resposta da pergunta n.º 182, do Cap. IV, no tema "Incarnação nos diferentes mundos": "A' medida que o espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espíritual. Torna-se-lhe menos densa a matéria, deixa de rastejar penosamente pela superfície do solo, menos grosseiras se lhes fazem as necessidades físicas, não mais sendo preciso que os sêres vivos se destruam mutuamente para se nutrirem".

Está òbviamente implícito, nesta nota, que se a destruição entre os sêres vivos para se nutrirem é sempre um estado de "inferioridade" e de "necessidade grosseira", o fato da criatura não se nutrir de sêres vivos corresponde-lhe a um estado de superioridade espiritual! E mais culposo e inferior se torna tal costume entre os espíritas, porque êstes já são portadores de uma consciência mais nítida da verdade superior do espírito, assim como a adesão ao Espiritismo também implica em aumento de responsabilidade moral!

No cap. VI, é feita a pergunta n.º 693: "Será contrário à lei da natureza o aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela ciência? Seria mais conforme a essa lei deixar que as coisas seguissem o seu curso normal?" A entidade consultada e que firma a doutrina espírita, responde: "Tudo se deve fazer, para chegar à perfeição e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir seus fins. Sendo a perfeição a meta para que tende a natureza, favorecer essa perfeição é corresponder às vistas de Deus. "Evidentemente, se o homem, como intermediário de Deus, "tudo deve fazer para que o próprio animal chegue à perfeição, a fim de corresponder ao que

Deus preceitúa", indiscutivelmente, o ato contrário a tal preceito não atende aos desígnos do Criador e não favorece ao aperfeiçoamento do animal. Em consequência, os espíritas que realmente hão compreendido essa disposição doutrinária de elevado conceito espiritual de modo algum poderão continuar a transformar o seu estômago num cemitério de irmãos menores, pois êssa mórbida digestão de modo algum aperfeiçoa o animal, ao contrário, ainda o atrasa mais! Clara é a resposta de n.º 693, quando a entidade conceitúa textualmente: "Tudo o que embaraça a natureza em sua marcha é contrário à lei geral".

Pergunta: — Temos recebido alegações de que devem sobreviver apenas os sêres inteligêntes, conforme se poderia deduzir da obra de Kardec. Seria assim, realmente o que induz o Espiritismo?

Ramatís: — Recomendamo-vos o Cap. V, "Da Lei da Conservação", do Livro dos Espíritos; observem a pergunta n.º 703 e sua resposta: "Com que fim outorgou Deus a todos os sêres vivos o instinto da conservação?" Responde o espírito interpelado: "Porque todos têm que concorrer para cumprimento dos desígnios da Providência. Porisso foi que Deus lhes deu a necessidade de viver.

Acresce, que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos sêres. Êles o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem". Excusámo-nos de amplos detalhes sôbre tópico muitíssimo claro, em que o espírito interpelado frisa a grande responsabilidade de se dever manter a vida de todos os sêres, porque "todos têem que concorrer para cumprimento dos desígnios da Providência". A "necessidade da vida que deve ser respeitada e protegida" é uma das conclusões lógicas e decisivas do espírito comunicante à pergunta de Kardec, o que implica, portanto, em nova censura doutrinária ao extermínio do animal para as mesas lautas dos espíritas!

No entanto, a nobre entidade prossegue, adiante, delineando em contornos mais claros e incisivos, a ignomínia da alimentação carnívora, em vez da vegetariana ou frugivera. Quanto à pergunta n.º 704, que diz: "Tendo dado ao homem a necessidade de viver, Deus lhe facultou, em todos os tempos, os meios de o conseguir?", responde a entidade: "Certo e, se êle os não encontra, é que não os compreende. Não fôra possível que Deus criasse para o homem a necessidade de viver, sem lhe dar os meios para conseguí-los. Essa a razão porque faz que a terra produza de modo a proporcionar, o necessário aos que a habitam, visto que só o necessário é útil. O supérfluo nunca o é". E' óbvio que se o homem continuar a se alimentar dos despojos sangrentos e não se servir dos frutos e vegetais que **Deus faz a terra produzir,** e que a criatura não queira encontrar, porque não os compreende, cabe então ao homem a culpa de ser carnívoro, porque o solo possui tudo o que se faz necessário à uma alimentação natural e sadia! No final da resposta à pergunta n.º 705, o espírito comunicante é bem claro, quando confirma a sua conclusão anterior: "Em verdade vos digo, imprevidente não é a natureza, é o homem, que não sabe regrar o seu viver".

O carnívoro quase sempre é um insáciavel; êle devora miolos, rins, fígados, estômagos, pulmões, pés, mocotó, músculos ou a própria língua do animal!... O seu apetite é incontrolável e o seu paladar deformado; consegue usufruir um gôzo epicurístico nos pratos mais detestáveis de vísceras e vituálhas cozidas ou assadas, disfarçando odôres fétidos de carbonização com o so-

fisma do tempêro excitante! Os banquetes e as churrascadas, que se justificam nas confraternizações e comemorações especiais da existência humana, situam-se completamente distantes do "sêde frugal" do sublime Jesus, porquanto os seus participantes terminam os agapes sangrentos com a barriga dilatada pela carga da carne do infeliz animal!

Ésse espetáculo, que há de ser comprometedor à Luz do Espiritismo, os espíritos atenciosos a Kardec, situam claramente nas perguntas n^{os}. 713 e 714, do tema "Gôzo dos bens terrenos", na seguinte disposição: "Traçou, a natureza limites aos gozos?" — Resposta n.º 713: "Traçou, para vos indicar o limite do necessário. Mas, pelos vossos excessos, chegais à saciedade e vos punis a vos mesmos". — Indagação e resposta n.º 714: "Que se deve pensar do homem que procura nos excessos de todo gênero o requinte dos gozos?" — Resposta: "Pobre criatura! Mais digna é de lástima do que de inveja, pois bem perto está da morte!" — Pergunta: "Perto da morte física, ou da morte moral"? — "De ambas", responde a entidade com energia.

Allan Kardec, não satisfeito ainda com a resposta decisiva e insofismável do seu nobre mentor, acrescenta a seguinte nota às perguntas acima, de sua própria lavra: "O homem, que procura nos excessos de todo gênero o requinte do gôzo, coloca-se abaixo do bruto, pois que êste sabe deter-se, quando satisfeita a sua necessidade. Abdica da razão que Deus lhe deu por guia e quanto maiores forem os seus excessos, tanto mais preponderância confere êle à sua natureza animal sôbre a sua natureza espiritual. As doenças, as enfermidades e, ainda, a morte que resultam do abuso, são, ao mesmo tempo, o castigo à transgressão da lei de Deus".

O genial codificador do Espiritismo estatúi, nos dizeres acima, a norma exata a que deve atender o adepto espírita na sua adesão doutrinária! Indubitàvelmente o espírita é aquêle que melhora a sua conduta num contínuo esfôrço de aperfeiçoamento; deve diligenciar incessantemente para que a "sua natureza espiritual predomine sôbre a sua natureza animal", o que não lhe será possível conseguir nos excessos pantagruélicos, que o colocam abaixo do bruto!

A natureza espiritual, de modo algum se apura ou se revela diante das valas sangrentas dos churrascos repugnantes, nem diante das terrinas fumegantes onde sobrenadam os retalhos da carne sacrificada do irmão menor! Há de ser, incontestàvelmente, aprimorada à distância dos despojos animais e com os "meios que Deus facultou ao homem e produzidos pela terra!" (resp. 704).

Pergunta: — Allan Kardec menciona, no Livro dos Espíritos, à pergunta 723, a seguinte resposta do espírito comunicante: "Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece". E encerra essa resposta conceituando que o "homem tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização". Quê dizeis a êsse respeito?

Ramatís: — O conceito ao pé da letra, de que "a carne alimenta a carne" está desmentido pelo fato de que o boi, o camelo, o cavalo e o elefante, como espécies vigorosas e duradouras, são avessos à carne, não se ressentem da falta das famosas proteínas provindas das vísceras animais. Quanto ao de que o homem perece quando não se alimenta de carne, Deus mostra a fragilidade da afirmação, obrigando, por vêzes, um ulceroso à beira do túmulo, a viver ainda alguns lustros sem ingerir carne. Se o enfêrmo sobrevive evitando a carne, por que

há de perecer quem é são? Quanto à afirmativa de que "o homem deve alimentar-se conforme reclame a sua organização", não há dúvida alguma, pois enquanto a organização bestial de um Nero pedia fartura de carne fumegante, Jesus se contentava com um bolo de mel e um pouco de caldo de cereja! Assim como não haveria nenhum proveito espiritual para Nero, se êle deixasse de comer carne, de modo algum Ghandi careceria mais do que um copo de leite de cabra, para sua alimentação.

Na pergunta 724, do Livro dos Espíritos, Kardec consulta o mesmo espírito sôbre se será meritório abster-se o homem da alimentação animal, ou de outra qualquer, por expiação, ao que o mentor espiritual respondeu: "Sim, se praticar essa privação em benefício dos outros, evidenciando, portanto, aos espíritas, que há mérito em se deixar de comer carne, pois isto resulta em benefício do animal, que é um irmão menor. Êste pode, assim continuar a sua evolução, estabelecida por Deus, livre da crueldade dos matadouros, charqueadas e matanças domésticas. A alimentação vegetariana fica, pois, definitivamente endossada pela doutrina espírita, porque da privação da carne, por parte do homem, êste se enobrece e o animal se beneficia.

No capítulo VI do Livro dos Espíritos (Da Lei da Destruição) elimina-se qualquer dúvida a êsse respeito, quando Allan Kardec indaga se sôbre entre os homens existirá sempre a necessidade da destruição, e o espírito responde, que essa necessidade se enfraquece à medida que o espírito sobrepuja a matéria, e que o horror à destruição cresce com o desenvolvimento intelectual e moral. Ora; se o horror à destruição cresce tanto quanto o desenvolvimento intelectual e moral do homem, subentende-se, lògicamente, que aquêles que ainda não manifestam horror à destruição também não se desenvolveram intelectual e moralmente; são retardatários no progresso espiritual, pois como "destruição" pode ser também considerada a que é produzida pelo desejo de comer carne, e que demonstra acentuada predominância da natureza animal sôbre a espiritual. No final da resposta à pergunta n.º 734, o espírito, embora afirme que o direito de destruição se acha regulado pela necessidade que o homem tem de prover o seu sustento e segurança, faz a ressalva de que o abuso jamais constitui direito!

Êste conceito final tem relação mais direta com os espíritas e espiritualistas em geral, pois constitui realmente um abuso, perante o sentido mais puro da vida, o fato de que ante a prodigalidade de frutas, legumes e hortaliças, os homens, já cientes de tal conceito ainda teimem em devorar os despojos dos seus servidores inocentes. E os espíritas que houverem compulsado as obras sensatas e progressivas de Allan Kardec tornar-se-ão muitíssimos onerados perante a justiça sideral quando, após terem recebido ensinamentos que pedem frugalidade, equilíbrio, piedade e pureza, contradizem o esfôrço de se libertarem da matéria, prosseguindo no banquete mórbido de vísceras assadas ou cozidas epicurìsticamente para o necrotério do estômago!

O inteligente codificador da doutrina espírita — como que pressentindo, com um século de antecedência, a ignomínia da destruição dos animais e das aves — inclui na sua obra citada a resposta n.º 735, que é um libelo contra a caça: —

"A caça é predominada da bestialidade sôbre a natureza espiritual. Tôda destruição que excede aos limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para satisfação de suas ne-

cessidades, enquanto que o homem, dotado de livre arbítrio, destrói sem necessidade. Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso significa que cede aos maus instintos".

Matar o animal ou a ave indefesa, que precisa do carinho e da proteção humana, constitui, realmente grave dano de ordem espiritual! Tendo Kardec perguntado ao seu mentor se se pode ligar o sentimento de crueldade ao instinto de destruição, foi-lhe respondido o seguinte: "A crueldade é o instinto de destruição no que tem de pior, enquanto se, algumas vêzes, a destruição constitui uma necessidade, com a crueldade jamais se dá o mesmo".

Ratificamos, pois, as nossas considerações anteriores, de que a alimentação carnívora — que é responsável pela matança cruel nos matadouros e charqueadas ou açougues — é produto de uma natureza humana "impiedosa e má", como afirmou o mentor de Kardec ao se referir à distruição acompanhada de crueldade (n.º 752).

Pergunta: — Se é assim, deve ser contraproducente, aos médiuns, o sentarem-se à mesa espírita com o estômago saturado de carne: não é verdade?

Ramatís: — Isso depende da natureza das comunicações, do ambiente e do tipo moral do médium. Se êste fôr criatura distanciada do Evangelho não passará de fácil repasto para os espíritos glutões e carnívoros, que hão de se banquetear na sua aura poluída de fluidos do astral do porco ou do boi. Se se tratar de criatura evangelizada e afeita aos comunicados de benefícios humanos, será então protegida pelos seus afeiçoados, embora portadora de repulsiva carga de eructações astrais incomodativas às entidades presentes mais evoluidas.

Mas o carnívoro e glutão pouco produz no trabalho de intercâmbio com as esferas mais altas; o seu perispírito encontrar-se-á saturado de miasmas e bacilos psíquicos exsudados da fermentação das vituálhas pelos ácidos estomacais, criando-se um clima opressivo e angustiante para os bons comunicantes. Com as auras densas e gomosas das emanações dos médiuns carnívoros que, fartos de retalhos cadavéricos, se apresentam às mesas espíritas, os guias sentem-se tolhidos em suas faculdades espirituais, à semelhança do homem que tenta se orientar sob pesada neblina ou intensa nuvem de mumação asfixiante.

O que prejudica o trabalho do médium não é apenas a dilatação do estômago, consequente do excesso de alimentação, ou os intestinos alterados profundamente no seu labor digestivo, ou o pâncreas e fígado em hiperfunção para atenderem à carga exagerada da nutrição carnívora, mas é a própria carne, que, impregnada de parasitas e larvas do animal inferior, contamina o perispirito do médium e o envolve com os fluidos repugnantes do psiquismo inferior.

Os centros nervosos e o sistema endócrino da criatura se esgotam dolorosamente no trabalho exaustivo de apressar a digestão do carnívoro sobrecarregado de alimentação pesada, comumente ingerida poucos minutos antes de sua tarefa mediúnica. Como os guias não podem se transformar em magos miraculosos, que possam eliminar, instântaneamente, os fluidos nauseantes das auras dos médiuns glutões e carnívoros, êstes permanecem nas mesas espiritas em improdutivos anímicos, ou então estacionam na forma de "passistas" precários, que melhor seria não trabalhassem, para não prejudicarem pacientes que ainda se encontrem em melhor condição psico-astral.

Pergunta: — Em face de certas argumentações de confrades contrá-

rios ao vegetarianismo, os quais afirmam que a boa literatura mediúnica não corrobora as vossas afirmações, ficar-vos-íamos gratos se nos citásseis algumas obras de valor espiritual, ou de natureza mediúnica, que nos comprovassem as vossas asserções. Ser-vos-ia possível dispensar-nos essa atenção?

Ramatís: — Achamos inconveniente — por tomar muito espaço nesta obra — reproduzir aqui tudo o que diz a literatura doutrinária espiritualista do Oriente e mesmo a literatura espírita. Reproduziremos o que nos parece mais proveitoso e de melhor clareza para os vossos atuais entendimentos. A "A Sabedoria Antiga", de Annie Besant, diz a página 69, capítulo II, "O Plano Astral": — O massacre organizado e sistemático dos animais, nos matadouros, as matanças que o amor pelo esporte provoca, lançam cada ano, no mundo astral, milhões de seres cheios de horror, de espanto, de aversão pelo homem!"

A obra "Terapêutica Magnética" de Alfonse Bué, página n.º 41, período 46, diz: — "Para desenvolver as faculdades magnéticas, o regime vegetariano, aplicado sem exagêro e sem prevenção exclusiva, é incontestàvelmente o melhor; faz-se preciso comer pouca carne, suprimir por completo o uso do álcool e beber muita água pura".

Em face dos dizeres supra, ser-vos-á fácil avaliar quão dificultoso se torna, para o médium que é passista, cumprir os seus deveres com o estômago abarrotado de carne!

Afirma um médico do vosso orbe, que goza de excelente conceito científico — professor Radoux, de Lausanne:

"E' um preconceito acreditar que a carne nutre à carne. O regime da carne e do sangue é, pelo contrário, nocivo à beleza das formas, ao viço da tez, à frescura da pele, ao aveludado e brilho dos cabelos. Os comedores de carne são mais acessíveis que os vegetarianos às influências epidêmicas e contagiosas; os miasmas mórbidos e o virus encontram um terreno maravilhosamente preparado para o seu desenvolvimento nos corpos saturados de humores e de substâncias mal elaboradas, nocivas ou já meio fermentadas e em decomposição".

Da literatura mediúnica espírita, podemos citar alguns trechos de obras que reconhecemos de inconstestável valor e que servem para orientar a atitude dos espíritas para com os objetivos superiores. Em "Missionários da Luz", obra receptada por Francisco Cândido Xavier, o autor espiritual focaliza situações que bem comprovam a importância do vegetarianismo entre os adeptos do Espiritismo. Diz o autor no capítulo IV, página 41, evocando a sua existência física:

"A pretexto de buscar recursos protéicos, exterminávamos frangos e carneiros, leitões e cabritos incontáveis. Sugávamos os tecidos musculares, roíamos ossos. Não contentes em matar os pobres seres que nos pediam roteiros de progresso e valores educativos, para melhor atenderem à obra do Pai, dilatávamos os requintes da exploração milenária e infligíamos a muitos dêles determinadas moléstias para que nos servissem ao paladar, com mais eficiência. O súino comum era localizado por nós em regime de ceva, e o pobre animal muitas vêzes à custa de resíduos, devia criar para o nosso uso certas reservas de gordura, até que se prostasse, de todo, ao peso das banhas doentias e abundantes. Colocávamos gansos nas engordadeiras que lhes hipertrofiassem o fígado, de modo a obtermos pastas substanciosas destinadas a quitutes que ficavam famosos, despreocupados com as faltas cometidas com a suposta vantagem de enriquecer valores culinários. Em

nada nos doia o quadro das vacas-mães em direção ao matadouro, para que as nossas panelas transpirassem agradàvelmente".

Adiante, à página 42 da mesma obra, o autor cita parte de um diálogo com uma autoridade técnica do lado de cá:

"Os seres inferiores e necessitados, do planeta, não nos encaram como superiores generosos e inteligentes, mas como verdugos cruéis. Confiam na tempestade furiosa que perturba as fôrças da natureza, mas fogem desesperados, à aproximação do homem de qualquer condição, excetuando-se os animais domésticos que, por confiarem em nossas palavras e atitudes, aceitam o cutelo no matadouro, quase sempre com lagrimas de aflição, incapages de discernir, com o raciocínio embrionário, onde começa a nossa perversidade e onde termina a nossa compreensão".

O efeito deplorável da matança do animal, no vosso mundo, repercute neste lado, de modo contristador; ainda é um problema que requer esforços heróicos por parte dos desencarnados bem intencionados, pois o sangue derramado a esmo é alimento vigoroso para nutrir os perversos e infelizes espíritos sem corpo físico, e prolongar-lhes os intentos mais abjetos.

Da mesma obra "Missionários da Luz", e em atenção aos vossos rogos, indicamos a página 135, onde encontrareis a corroboração do que vos relatamos em outros labores despretençiosos. Diante do quadro estarrecedor do matadouro, onde se processava a matança dos bovinos, o autor descreve a turba de espíritos famintos que, em lastimáveis condições, atiravam-se desesperados aos borbotões de sangue vivo, tentando obter o tônus vital que lhes favorece um contacto mais nítido com o mundo físico. Diz o autor, reproduzindo a palavra do seu mentor: —

"Êstes infelizes irmãos, que não nos podem ver, pela deplorável situação de embrutecimento e inferioridade, estão sugando as fôrças do plasma sanguíneo dos animais. São famintos que causam piedade".

A cena identifica mais uma das funestas realidades que se produzem devido à matança do animal, pois as almas ainda escravas das sensações inferiores, que perambulam no Espaço sem objetivos superiores, encontram, nos lugares onde se derrama em profusão o sangue do animal, os meios de que precisam para consolidar as perseguições e incentivar o desregramento humano. O autor em questão transcreve em seguida, novo diálogo com o seu interlocutor desencarnado:

"Por que tamanha sensação de pavor, meu amigo? Saia de si mesmo, quebre a concha de interpretação pessoal e venha para o campo largo da justificação. Não visitamos, nós ambos, na esfera da Crosta, os açougues mais diversos? Lembro-me de que em meu antigo lar terrestre havia sempre grande contentamento familiar pela matança dos porcos. A carcassa de carne e gordura significava abundância da cozinha e confôrto do estômago. Com o mesmo direito, acercam-se os desencarnados tão inferiores quanto já o fomos, dos animais mortos, cujo sangue fumegante lhes oferece vigorosos elementos vitais".

Ficou demonstrado, nessa obra mediúnica, de confiança, que o vício da alimentação carnívora é sinal de inferioridade espiritual; a ingestão de vísceras cadavéricas e a consequente adesão ao progresso dos matadouros mantêm a fonte que ainda sustenta a vitalidade dos obsessôres e dos agentes das trevas sôbre a humanidade terrestre. O terrícola paga, diàriamente, sob multiplicida-

de de doenças, incômodos e consequências funestas em seu lar, a incúria espiritual de ainda devorar os restos mortais do animal criado por Deus e destinado a fins úteis.

Outro autor espiritual (Irmão X, sob o tema "Treino para a Morte") através do mesmo médium que enunciamos, conceitua corajosamente:

"Comece a renovação dos seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer carne. O cemitério na barriga é um tormento depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os caiapós, que se devoravam uns aos outros".

Emmanuel, o mentor do referido médium, em comunicação que destacámos, aludindo ao aparecimento e evolução do homem, assim se manifesta:

"Os animais são os irmãos inferiores dos homens. Êles também, como nós, vêm de longe, através de lutas incessantes e redentoras, e são, como nós, candidatos a uma posição brilhante na espiritualidade. Não é em vão que sofrem nas fainas benditas da dedicação e da renúncia, em favor do progresso do homem".

Evidencia-se, portanto, através dessas declarações de espíritos credenciados no labor mediúnico espiritista e de vossa confiança, que muito grave é a responsabilidade dos espíritas no tocante à alimentação carnívora. De modo algum ser-lhes-á tolerada pela Lei da Vida, da qual não podem alegar desconhecimento, qualquer desculpa posterior, que lhes suavize a culpa de trucidarem o seu irmão menor! E' a própria bibliografia espírita e comumente apontada como a diretriz oficial da conduta espírita, que vos notifica de tais deveres e acentua a urgente necessidade do vegetarianismo. Já vos temos dito que as humanidades superiores são inimigas dos macabros banquetes de vísceras cadavéricas. Lembramo-vos o conceito sensato de Allan Kardec, de que "natureza espiritual deve predominar sobre a natureza animal". E disso podeis ter a comprovação através das próprias obras mediúnicas que afirmais serem de confiança.

Em "Novas Mensagens", obra recebida pelo criterioso médium Francisco Cândido Xavier, à página 63, no capítulo "Marte", ser-vos-á fácil encontrardes o seguinte:

"Tais providências, explica o espírito superior e benevolente, destinam-se a proteger a vida dos reinos mais fracos da natureza planetária, porque em Marte, o problema da alimentação essencial, através das forças atmosféricas, já foi resolvido, sendo dispensável aos seus habitantes felizes a ingestão das vísceras cadavéricas dos seus irmãos inferiores, como acontece na Terra, superlotada de frigoríficos e de matadouros".

Não nos estendemos neste trabalho de transcrição de obras mediúnicas, porquanto ultrapassaríamos o limite do nosso programa; apenas vos apontamos o conteúdo de confiança que desejáveis e que podereis abranger em sua minúcias consultando as próprias fontes mencionadas.

Pergunta: — Poderíes nos esclarecer, ainda, quanto às palavras de Jesus, quando afirmou que o homem não se perde pelo que entra pela bôca, mas pelo que dela sai?

Ramatís: — O Mestre foi bem explícito na sua advertência, pois se afirmou que não vos tornaríeis imundos pelo que entrasse pela vossa bôca, e sim pela que dela saisse, também não vos prometeu graças ou merecimentos superiores se continuásseis a comer carne. Nenhuma tradição cristã vos mostra a figura do Meigo Nazareno trinchando vísceras animais. Jesus lembrou-vos,

apenas, o que não "perderíeis", mas não aludiu ao que deixaríeis de "ganhar se não vos purificásseis na alimentação. A imensa bondade e compreensão do Mestre não o levaria a emitir conceitos ainda imaturos para aquêles homens rudes e brutalmente carnívoros, do seu tempo. A sua missão principal era a de ressaltar o supremo valor do espírito sobre a matéria, assim como a necessidade de purificação interior sôbre qualquer preocupação de alimentação. A sua mensagem era de grande importância para os fariseus e fanáticos, da época, que praticavam ignomínias espirituais, enquanto se escravizavam a fatigantes regras de alimentação.

E' preciso não olvidar o "espírito" da palavra ditada por Jesus, pois, se o homem não se perde pelo que entra pela bôca, mas pelo que dela sai, nem por isso louvais a ingestão do álcool, que embrutece, ou da formicida, que mata, os quais também entram pela bôca. Se tomardes a advertência do Mestre ao pé da letra, chegareis à conclusão, também, de que podereis comer o vosso irmão, como o fazem os antropófagos, pois o que entra pela bôca — segundo o princípio evangélico a invocar — não põe ninguém a perder. Entretanto, êsse malicioso sofisma, levado à responsabilidade de Jesus, de modo algum vos justificaria perante êle da culpa de serdes canibais, de vez que já viveis num mundo civilizado.

Jesus, ao pronunciar as palavras que citais, estava se referindo à crítica feita a seus discípulos pelo fato de não haverem lavado as mãos antes de comer pão e, com aquelas palavras, quis dizer que é preferível deixar de lavar as mãos a deixar de lavar o coração sujo, mas não que se deva comer tudo o que possa entrar pela bôca, pois isso seria uma absurdidade que não sairia dos lábios do Nazareno!

Não há pureza integral, psicofísica, quando se ingerem despojos sangrentos ou monturos vivos de uréia e albumina cultivados no caldo repulsivo dos chiqueiros, nem há limpesa no coração quando se desprezam frutos, legumes e hortaliças em abundância, para se alimentarem as pavorosas indústrias da morte, que sangram e retalham a carne de seres também dignos de piedade e proteção!

Allan Kardec é bastante claro a esse respeito, quando insere em sua obra "O Livro dos Espíritos", capítulo VI, a resposta n.º 734,em que a entidade espiritual preceitua categòricamente: "O direito ilimitado da destruição se acha pela necessidade que o homem tem, de prover ao seu sustento e à sua segurança. O abuso jamais constitui direito". Não há dúvida que quanto ao espírito dessa resposta, o homem é culpado se matar o animal, porquanto não lhe assiste êsse direito, uma vez que não lhe falta a fruta ou o legume para o seu sustento; nem carece da morte do irmão inferior para a sua segurança biológica ou psicológica. dúvida

O vegetarianismo, em verdade, embora aconselhemos que êle substitua gradativamente a alimentação carnívora, para não debilitar, de princípio, aquêles que são demasiadamente condicionados à carne, deve ser a alimentação dos espíritas e espiritualistas já conscientes da realidade reencarnatória e da marcha ascencional a que também os animais estão obrigados!

Psicografia de Hercilio Maes